

EDITORIAL

É com satisfação que publicamos a edição de dezembro de 2016 da Revista e-Curriculum, encerrando a série de quatro dossiês distribuídos ao longo dos números editados nesse ano.

Mantendo a parceria com a Associação Brasileira de Currículo, desde 2012, esse número inclui o dossiê intitulado: **“Aqui já tem currículo: produções e experiências educativas pelo direito à diferença e à justiça social e cognitiva”** organizado pelos professores Alexandre Saul da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Alexandra Garcia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Em tempos de padronização curricular e de graves ameaças à autonomia das escolas e educadores, esse dossiê constituiu-se em um espaço importante de contestação à centralização, e à intensificação das tendências de privatização e conservadorismo, prestes a se “sacralizar” com o advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O tema do dossiê está em linha com a campanha “#Aqui Já Tem Currículo”, lançada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) na celebração dos seus 38 anos.

Entendemos que a academia, ao ter em suas mãos um veículo para divulgar e estimular debates sobre pesquisas e experiências que se opõem à verticalização e homogeneização curricular, desempenha um papel importante, ao lado de outros setores da sociedade, na luta pela democratização da educação. Com essa perspectiva, a revista e-Curriculum, nesta edição, abriu espaço aos autores-pesquisadores para que possam apresentar suas investigações e externar suas posições sobre o candente e relevante tema da autonomia na construção curricular.

Apresentamos ainda, no número de out/dez de 2016, seis artigos da demanda contínua da Revista que abordam diferentes temáticas educacionais curriculares, incluindo um internacional, e um memorial que dá prosseguimento às publicações de memoriais.

O artigo de Patrícia Scherer Bassani, Claudio Lima e Daniel Dalanhól da Universidade Feevale do Rio Grande do Sul intitulado: “Documentação e compartilhamento de atividades de aprendizagem: um estudo sobre repositórios de prática e artefatos de mediação”, por meio da pesquisa exploratória, identifica repositórios para o compartilhamento de atividades de aprendizagem existentes no Brasil e analisa o tipo de

artefato de mediação compartilhado, as ferramentas para desenvolvimento de mapas conceituais online como espaços para a documentação e compartilhamento de atividades de aprendizagem. Dentre os resultados alcançados, destaca-se que os repositórios existentes utilizam essencialmente artefatos de mediação em formato de texto.

Maria da Paz Cavalcante da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em artigo intitulado “A interpretação de texto de história e o desenvolvimento da consciência histórica crítica do educando” discute a interpretação de texto de história e a consciência histórica crítica refletindo como os alunos, do 8º ano do Ensino Fundamental, se apropriam da interpretação de um texto (escrito) de história e realizam o processo de desenvolvimento de sua consciência. Emprega a pesquisa colaborativa e utiliza como procedimentos a observação efetuada na vida real e o portfólio. As reflexões apresentadas podem contribuir no processo de ressignificação das atividades docente e discente no processo de ensino e de aprendizagem da História.

Lia Raquel Oliveira do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal, no artigo “Mediação docente e distância transacional: uso do Facebook num mestrado em regime misto (b-learning)” considera que o Ensino a Distância (EAD) continua a ser uma modalidade alternativa ao ensino presencial e nele persiste a questão da Distância Transacional como um problema. Apresenta um caso ocorrido em um curso de mestrado acadêmico em Educação que funciona em regime b-learning no qual foi usado o Facebook como fórum de discussão e espaço de partilha de trabalhos e sensibilidades. O artigo conclui que uma mediação plástica exercida pelo professor, servindo-se do sistema de rede social Facebook para criar um ambiente de familiaridade e informalidade, pode contribuir para superar a distância transacional no ensino superior online.

Maria Carolina da Silva Caldeira e Marlucy Alves Paraíso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no artigo “Etnografia educacional e análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisar currículos” buscam mostrar as potencialidades e os riscos da bricolagem feita com a análise de discurso de inspiração foucaultiana e a etnografia pós-moderna para investigar um currículo. Argumentam que há procedimentos, posturas e práticas que permitem uma aproximação entre essas metodologias, ainda que, para isso, seja preciso realizar seleções e recortes e estar sempre atento/a a possíveis incongruências entre

eles. Discutem, ainda, a importância do “perspectivismo” e do “estranhamento de si mesmo” para realizar a bricolagem metodológica feita na investigação que alicerça o artigo.

Alípio Márcio Dias Casali da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no artigo “Para um currículo ético-crítico: referências a partir da ética da libertação de Enrique Dussel” discute a Ética da Libertação proposta por Enrique Dussel e a apresenta como referência de fundamento ético para a área de Currículo. Para tanto, apresenta na primeira parte do artigo, a Ética como uma arquitetura em seis movimentos e, na segunda parte, destaca cada um desses seis movimentos pensados e descritos no interior do currículo. Conclui com a compreensão de que o currículo pode e deve ser lugar e tempo articulados ao princípio ético-crítico e ao desenvolvimento da vida dos sujeitos em comunidade.

Antonio Chizzotti da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no artigo “As ciências humanas e as ciências da educação” analisa os fundamentos das ciências humanas e das ciências da educação. Para tanto, considera os debates sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que deram alicerce para distinção entre ciências da natureza e ciências humanas no século passado. Apresenta e analisa as bases epistemológicas das ciências humanas e sociais contemporâneas e propõe uma mudança no conceito de pedagogia de modo a tomá-la ciências da educação. Conclui que o conceito histórico de pedagogia, como aplicação prática de teorias educacionais, foi suplantado pela mudança epistemológica e metodológica das ciências da educação e pelo avanço da produção científica e da difusão qualificada das pesquisas educacionais.

Mere Abramowicz, dando sequência à série de Memoriais de professores que registram e problematizam a memória do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP, compartilha a sua trajetória de professora e pesquisadora. Destaca aspectos de sua formação inicial, até se tornar professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Explicita as vertentes teóricas que conduzem sua ação na docência e na pesquisa e o seu compromisso com uma educação transformadora.

Encerramos a edição de dezembro, agradecendo aos nossos colaboradores, autores e leitores, por mais um ano de parceria e desejando a todos um 2017 com muita energia para a luta por um mundo mais democrático e inclusivo e com produções acadêmicas significativas.

Comissão Editorial